

CARACTERÍSTICAS DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS BÁSICOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL DE COMPORTAMENTOS DENOMINADA “SER ANTIRRACISTA”

CHARACTERISTICS OF THE BASIC BEHAVIOR COMPONENTS CONSTITUTING THE GENERAL CLASS OF BEHAVIOR NAMED “BE ANTIRRACISTA”

Bruno Corrêa de Moraes¹
Dr. André Luiz Thieme²

RESUMO: Atualmente, o antirracismo tem se tornado assunto de debate, principalmente dentro de organizações que têm como discussão a temática racial na sociedade brasileira. Este trabalho visou caracterizar alguns comportamentos denominados antirracistas disponibilizados na Internet, por meio do “Manifesto Antirracista” e verificar, pelo método da tríplice contingência, as relações entre os comportamentos e elucidar as classes de estímulos antecedentes, ou seja, o ambiente propício para a emissão de comportamentos denominados “antirracistas”. Concluiu-se que existe relação entre os comportamentos, mas foi recomendado uma nova ordenação na aplicabilidade de um ensino programado. Também foi verificado que o componente mais importante de todos os comportamentos básicos constituintes da classe geral “ser antirracista”, é o “conhecimento sobre a temática racial e o racismo no Brasil”, expondo a relevância da produção de conteúdos que discutam a temática racial no país e a importância de incentivar a busca de conhecimento sobre o tema.

Palavras-chave: racismo. antirracismo. decomposição de comportamentos.

ABSTRACT: *Currently, antiracism has become a subject of debate, especially within organizations that discuss racial issues in Brazilian society. This work aimed to characterize some behaviors called antiracists made available on the Internet through the Antiracist Manifesto, to verify, using the triple contingency analysis, the relationships between these behavior classes to elucidate the classes of antecedent stimuli, that is, the favorable environment for the emission of behaviors called antiracists. We concluded that there is a relationship between the behaviors, but we recommended a new order for applicability in a personalized instruction program. We also verified that the most relevant component of all the basic behaviors constituting the general class being antiracist is knowledge about racial issues and racism in Brazil, exposing the relevance of the production of content that discusses racial themes in Brazil and the importance of encouraging the search for knowledge on the subject.*

Keywords: racism; antiracism; decomposition of behaviors.

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da UNIFE. *E-mail:* bruno.correa.de.moraes@unife.edu.br

² Professor orientador. (Doutor). *E-mail:* andrethieme@unife.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve o objetivo de caracterizar alguns comportamentos denominados antirracistas disponibilizados na Internet por meio do “Manifesto Antirracista”, considerando a sua importante sintetização das principais estratégias para atuar na sociedade de forma antirracista ainda não explorado na psicologia. A partir disso, se buscará verificar, pelo método da tríplice contingência, as relações entre os comportamentos e elucidar as classes de estímulos antecedentes, ou seja, o ambiente propício para a emissão de comportamentos denominados “antirracistas”. A tríplice contingência é uma leitura analítico-comportamental dos fenômenos psicológicos, aqui entendidos como comportamento humano nas suas diversas manifestações (Skinner, 2003; Borges; Cassas, 2012).

O antirracismo tem se tornado assunto de debate público, principalmente nas organizações que têm como discussão a temática racial na sociedade brasileira, dentre elas o Instituto Identidades Brasileiras e o Sistema B. Estes elencaram alguns comportamentos denominados “antirracistas” e os disponibilizaram na Internet, visando angariar indivíduos e empresas que assumam o compromisso de aplicá-los no dia a dia por meio de um “Manifesto Antirracista”. Os comportamentos elencados por essas organizações funcionaram como objeto de análise para este trabalho.

A análise do comportamento tem realizado recentemente aproximações de temas sociais que envolvem comportamentos humanos e práticas culturais, sendo tema ainda pouco explorado na área. Algumas publicações recentes abordam o tema do racismo como fenômeno (Araújo *et al.*, 2022; Orlandi; Reis, 2022). No entanto, não há propostas de intervenção ou ensino de comportamentos antirracistas, o que este trabalho visa propor, seguindo a metodologia utilizada por De Luca (2008), em dissertação de mestrado e tradição comportamental de planejamento de condições para o ensino de comportamentos.

O desenvolvimento da pesquisa, por sua própria natureza, envolve inúmeras decisões por parte do pesquisador, que se defronta com questões conceituais, teóricas e metodológicas. Em se tratando dos estudos sobre racismo, a primeira questão básica que devemos formular é: o que é raça? Evidentemente, essa questão conceitual, teórica e histórica tem impacto no planejamento da pesquisa e na metodologia que será adotada para investigar as concepções e as formulações do racismo e o seu combate.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 RAÇA

Para pesquisar qual seria a origem da humanidade, o conceito de raça surgiu na biologia no século XVIII, sendo a cor da pele usada como critério para classificar a racialização dos seres humanos (Guimarães, 1999, 2011; Munanga, 2003; Silva; Soares, 2011; Monagreda, 2017). Essa diretriz de compreender a origem da humanidade, elaborada na Europa, foi influenciada pela perspectiva evolucionista darwinista e tinha como uma das suas concepções a ideia de que toda a humanidade atravessa estágios de desenvolvimento cultural. Essa teoria ganhou destaque no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, especialmente depois da abolição da escravidão (Guimarães, 1999, 2011; Munanga, 2003; Laguardia, 2004).

No círculo de produção intelectual no Brasil, houve três grandes momentos de discussões sobre a temática racial. No primeiro momento, destacava-se Nina Rodrigues, médico legista e escritor, que indicou que “o problema do brasileiro” seria a mestiçagem (Oliveira, 2017; Almeida, 2019). No seu livro “Os Africanos no Brasil”, escrito entre 1890 e 1905, Rodrigues conclui que existe uma hierarquia entre as diversas raças que habitavam o país. Para o autor, os africanos eram inferiores aos homens brancos, por estarem em estágios distintos de evolução, dando ênfase para teorias eugenistas, as quais buscavam o branqueamento da nação (Oliveira, 2017, Almeida, 2019).

A partir do século XX, com a influência das teorias mendelianas e avanço das ciências biológicas e genéticas, chegou-se à conclusão de que a raça como aspecto biológico não existe. Assim sendo, não é possível haver subdivisões da espécie humana que possam ser identificadas pela genética às quais correspondam qualidades fenotípicas como argumentava Rodrigues (Guimarães, 1999, 2011; Munanga, 2003; Laguardia, 2004). Como consequência dessa nova descoberta, o conceito de raça perdeu importância científica, sendo substituído pelo conceito de “população” e de “etnia”, tendo como parâmetro as diferenças culturais (Guimarães, 1999; Silva; Soares, 2011).

Guimarães (1999) relata que essas mudanças fizeram com que fosse encetada uma negação do racismo e da discriminação racial no Brasil. O ideário era de que, se não existissem “raças”, não haveria como existir o fenômeno racismo (antirracismo). Essa concepção deu margem para se pensar apenas no “preconceito”, ou seja, conceitos individuais errados que tenderiam a ser corrigidos no decorrer da vida do sujeito (Schucman, 2012). Essas crenças culminaram no ganho de forças do antirracismo que, durante a ditadura militar, passou a ser uma ideologia do Estado Brasileiro, dando abertura para o segundo momento de discussão sobre a temática racial, conhecida como “democracia racial” (Laguardia, 2004; Silva; Soares, 2011; Schucman, 2012).

A teoria da democracia racial foi desenvolvida pelo sociólogo e escritor Gilberto Freyre no livro “Casa Grande & Senzala” de 1933. Nesse livro, Freyre defende a ideia de que a miscigenação seria algo vantajoso para o Brasil, pois a partir dessa miscigenação teríamos uma população que uniria características de diversas culturas diferentes (Freyre, 1933/2006; Oliveira, 2017). Freyre também defende no seu livro a ideia de que no Brasil não existiria o fenômeno racismo, que a relação entre os brancos e negros no país convergia para uma vivência harmoniosa, sem discriminações raciais e desigualdade social (Freyre, 1933/2006).

A desconsideração da existência de discriminação racial e de desigualdade social no Brasil, tendo como base a ideia de que se vive numa democracia racial, acabou por se tornar uma ideologia racista que encetou um incômodo na população negra no Brasil (Guimarães, 1999). Por meio de pesquisas realizadas pelo sociólogo e escritor Florestan Fernandes, que tira o negro como objeto de pesquisa da biologia e o coloca na sociedade brasileira pela ótica estruturalista e funcionalista, chegamos ao terceiro momento de discussão. Revelou-se, nesse período, a dificuldade da população negra em conseguir integrar-se socialmente, tendo em vista a falta de projetos de socialização e integração no fim da escravidão, além da discriminação de classes sociais existentes no Brasil (Oliveira, 2017). Com base nisso, Guimarães (1999) relata que surgiu a necessidade de teorizar as ‘raças’ como o que elas são, ou seja, “construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (p. 153). Dessa forma, como pontua Schucman (2012), o uso de “raça”

significa dizer que existe discriminação racial no Brasil por traços físicos elevados a questões culturais, sociais e políticas.

2.2 RACISMO

De acordo com Guimarães (2008), a palavra “negra” era utilizada pelos povos europeus em referência à cor de pele escura de alguns povos africanos. Os relatos dos primeiros encontros indicam que a cor da pele dos africanos foi o que mais chamou a atenção dos conquistadores. Vale salientar que no “simbolismo de cores no Ocidente cristão, o negro significava derrota, a morte, o pecado, enquanto o branco significava o sucesso, a pureza e a sabedoria” (Guimarães, 2008, p. 5). Nesse sentido, a repulsa pelos povos de cor “não branca” prevaleceu, se aprofundou e perpetuou-se até o momento presente (Silva; Soares, 2011; Schucman, 2012).

Atualmente, o racismo é conceituado como um conjunto de atitudes que justifiquem hierarquias e desigualdades entre seres humanos relacionado estritamente aos estereótipos (Schucman, 2012). De acordo com Schucman (2012), o racismo “se dá a partir da naturalização e essencialização da falácia de diferenças biológicas, as quais, dentro da lógica brasileira, se manifestam pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais” (p. 41). Schucman (2012) descreve dois modos diferentes em que o racismo se manifesta, sendo o individual e o institucional. Dessa forma, o racismo individual é a manifestação da discriminação de um indivíduo, decorrente da sua raça em uma relação de poder. Já o racismo institucional se apresenta dentro da estrutura social brasileira, colocando os negros numa posição de inferioridade, sem que seja necessária a ação de agentes que expressem essa discriminação (Schucman, 2012). Almeida (2019, p.32) relata que o fenômeno denominado “racismo” é “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes”. Conforme o autor, o racismo está presente em todas as esferas sociais de forma estrutural, impedindo que a população negra consiga alcançar lugares de privilégio em relação à população branca.

Um fato que evidencia o racismo na sociedade atual é a discrepante desigualdade que existe entre negros e brancos, conforme aponta o IBGE (2019), negros (representados pelo IBGE como pretos e pardos) representam 55,8% da população brasileira, mas sua participação entre os 10% mais pobres é de 75,2%. Na faixa dos 10% mais ricos da população, somente 27,7% são pretos ou pardos. Na educação, 36,1% de jovens entre 18 e 24 anos, de cor ou raça branca, frequentavam ou já haviam concluído o ensino superior; já a proporção observada entre aqueles de cor ou raça — preta ou parda, era de 18,3%. O índice de analfabetismo entre os negros em 2019 era de 9,1%, mais que o dobro do índice entre os brancos (3,9). Os pretos no Brasil ganham em média R\$1.608,00 por mês, enquanto a renda média entre brancos é de R\$2.796,00 (IBGE, 2019).

A população negra tende a ser mais perseguida pela vigilância policial, também encontra maiores entraves no acesso à justiça criminal, o que culmina num tratamento penal mais rigoroso, levando a uma probabilidade maior de serem punidos em comparação aos réus brancos (Adorno, 1995; Almeida, 2019). Afrodescendentes formam a maioria da população carcerária e são mais expostos à criminalidade. São também a maioria absoluta entre os habitantes de bairros sem infraestrutura básica, como luz, saneamento, segurança, saúde e educação (IBGE, 2019; Gomes, 2019).

Segundo os dados eleitorais divulgados pelo Supremo tribunal Federal, entre os 1,626 deputados estaduais, federais e senadores brasileiros eleitos em 2018,

apenas 64 são negros, menos de 4% do total. No senado, a mais alta câmara legislativa do país, a proporção é ainda menor, apenas três dos 81 senadores (3,7%) se declaram negros (Gomes, 2019). Entre os governadores dos estados e do Distrito Federal, não há nenhum. Também não há entre os ministros do Supremo Tribunal Federal, desde que Joaquim Barbosa se aposentou, em 2014 (Gomes, 2019).

2.3 ANTIRRACISMO

Nos seus estudos, Guimarães (1995) sugere que todo trabalho que pretenda discutir a temática racial no Brasil, deve notar que racismo no país ainda é visto como um tabu, e ainda que a temática racial tenha obtido maior espaço na mídia, essa dificuldade de discussão racial ainda é atual (Ribeiro, 2019; Almeida, 2019). Inebriada na ideia da Democracia Racial desenvolvida por Gilberto Freyre nos anos 30 e reafirmada por sociólogos e antropólogos, a sociedade brasileira pouco percebe o caldo cultural em que está embevecida. Logo, pouco se discute e se demanda atenção a esse fenômeno, que não deve ser reduzido à raça e cor, mas sim elevado a uma Teoria Social, tendo em vista que a sociedade brasileira não pode ser compreendida e, assim, evoluir sem esses conceitos (Almeida, 2019).

Visando demonstrar o caráter não científico e denunciar as consequências cruéis da noção de “raça”, foi no pós-guerra que a luta antirracista foi desenvolvida, tendo como justificativas o terror do holocausto, a segregação racial nos Estados Unidos e o *apartheid* na África do Sul (Guimarães, 2008; Gomes, 2019; Schucman, 2012). Diante dessas denúncias, as desigualdades raciais começaram a ser “atribuídas à operação de mecanismos sociais mais sutis — a educação escolar, a seletividade do mercado de trabalho, a pobreza, a organização familiar” (Guimarães, 1995, p. 29). Com base nesses movimentos sociais, a pauta antirracista teve como objetivo a “denúncia das desigualdades raciais mascaradas em termos de classe social ou de status” (Guimarães, 1995, p. 29).

Com grande destaque atualmente, o antirracismo tornou-se uma pauta de extrema importância para o movimento negro e para a sociedade em geral, ampliando os seus objetivos para possibilitar uma transformação coletiva e o combate estrutural do racismo, como argumenta Almeida (2019, p. 52):

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que se calar diante de racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado, ou responsável, certamente o silêncio o torna eticamente e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de postura e da adoção de práticas antirracistas.

Considerando que a prática antirracista é essencial para o combate ao racismo e para uma sociedade mais igualitária, um manifesto chamado “Seja Antirracista” foi desenvolvido em 2020. Nesse manifesto constam algumas atitudes que pessoas e empresas podem tomar para assumir um compromisso público de enfrentamento do racismo no Brasil. As pessoas ou empresas interessadas assinam virtualmente o manifesto, preenchendo algumas informações e se comprometendo a tomar as atitudes que os organizadores do manifesto elencaram como “antirracistas” (Manifesto, 2020). O Instituto Identidades do Brasil (ID_BR) e o Sistema B., são as organizações responsáveis pelo manifesto e pela elaboração das atitudes descritas no site: sejaantirracista.org.

O Instituto Identidades do Brasil (ID_BR³) é uma organização sem fins lucrativos, que tem como principal missão tornar a igualdade racial uma causa de todos, na prática, engajando e estimulando pessoas de diferentes raças e diferentes partes da sociedade, com foco no mundo corporativo e na promoção da igualdade racial. Já o Sistema B. é uma organização que busca construir um ecossistema favorável para fortalecer empresas que usam a força do mercado para solucionar problemas sociais e ambientais. A parceria entre essas duas organizações iniciou em janeiro de 2020, visando desenvolver ações em diferentes formatos para conscientizar e engajar organizações e a sociedade, buscando reduzir a desigualdade racial no Brasil (Sejaantirracista, 2020 *on-line*).

Levando em conta que esse é o primeiro manifesto antirracista do Brasil, disponível para o grande público, contando, até o momento da elaboração desse trabalho, com 42.819 assinaturas de pessoas e 376 assinaturas de empresas, é que se aponta a relevância desta pesquisa. Nesse sentido, este trabalho visa compreender, por meio da Análise do Comportamento, os componentes básicos dos comportamentos antirracistas elencados nesse manifesto; elucidar características relevantes no processo de emissão desses comportamentos, e verificar as relações e a ordem que tais comportamentos podem ser ensinados num possível ensino programado, no sentido de proporcionar maior eficiência ao processo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 FONTE DE INFORMAÇÃO

A fonte de informação utilizada para identificar classes de comportamentos constituintes de “ser antirracista” foi o manifesto “Seja Antirracista”. O manifesto é produto de uma parceria entre o Instituto Identidades do Brasil e o Sistema B., que almeja “funcionar como um espaço de comprometimento público, enumerando diretrizes que devem ser seguidas como forma de lutar contra o racismo estrutural e institucional” (Sejaantirracista, 2020, *on-line*). Foram selecionados trechos das ações que o manifesto descreve para serem tomadas pelas pessoas para se comprometerem na luta contra o racismo.

3.1.2 Critérios de seleção da fonte de informação

Os trechos relacionados a comportamentos antirracistas expostos no site “sejaantirracista.org” foram selecionados pelos seguintes critérios: a obra apresenta como tema principal informações acerca dos fenômenos “antirracismo”; apresenta diferentes informações sobre o fenômeno estudado; está disponível e de fácil acesso ao público de forma *on-line* e produzido por meio da associação de indivíduos da sociedade civil.

3.2 PROCEDIMENTO

Para obter as informações, foi realizado um procedimento composto de sete etapas. As etapas desse procedimento foram desenvolvidas com base nas avaliações realizadas dos procedimentos utilizados por De Luca (2008), Garcia (2009), Luiz (2008) e Goecks (2011). Uma breve explicação é dada:

³ <https://simaigualdaderacial.eadbox.com/>

Etapa 1: Identificar, selecionar e registrar trechos da obra utilizada como fonte de informação que apresentem possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “antirracismo”. Nesta primeira etapa, foram realizadas a leitura da fonte de informação, a identificação e a seleção de trechos que se referem, direta ou indiretamente, a uma ou mais variáveis que constituem os componentes dos comportamentos que compõem “ser antirracista”. Os trechos que referirem a possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral do fenômeno foram registrados num protocolo de observação. O protocolo é constituído por cinco colunas, sendo três dessas colunas subdivididas em duas colunas e ainda é constituído por uma linha sob essas colunas. Na primeira coluna (da esquerda para a direita) foi feita a identificação do trecho transcrito, com a identificação do número do comportamento (n.º C) utilizado como fonte de informação. Na segunda coluna (da esquerda para a direita), foi registrado o trecho selecionado. Da terceira a quinta colunas, foram registrados possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “ser antirracista”, ou seja, (1) classe de estímulos antecedentes (possíveis aspectos do meio com os quais se relaciona alguém que apresenta comportamentos constituintes da classe geral de comportamentos denominada “ser antirracista”); (2) classe de respostas (possíveis respostas apresentadas pelo indivíduo que apresenta comportamentos constituintes da classe geral de comportamentos denominada “ser antirracista”); (3) classe de estímulos consequentes (possíveis aspectos do meio produzidos ou seguintes às respostas apresentadas por alguém que apresenta comportamentos constituintes da classe geral de comportamentos denominada “ser antirracista”). Por fim, na linha sob as colunas, foram registrados os nomes de comportamentos constituintes da classe geral: “ser antirracista”. Essa nomeação de comportamentos é apresentada na sexta etapa desse método.

Etapa 2: Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que continham informações acerca de classes de comportamentos que constituem antirracismo: Após a primeira etapa, identificar, selecionar e transcrever trechos da obra que se referir a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem antirracismo. A segunda etapa do procedimento foi identificar e destacar as partes que contêm informações de possíveis componentes de comportamentos (estímulos antecedentes, respostas ou estímulos consequentes) constituintes da classe geral “ser antirracista”. Nesta etapa, em cada trecho identificado, selecionado e registrado da obra utilizada, as partes que contêm possíveis componentes de comportamentos foram destacadas em negrito.

Etapa 3: Identificar e registrar possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “ser antirracista”, a partir de cada parte destacada dos trechos identificados, selecionados e registrados da obra utilizada como fonte de informação: A terceira etapa do procedimento foi a identificação e o registro de possíveis componentes de comportamentos básicos constituintes da classe geral de comportamentos denominada “ser antirracista” a partir das partes destacadas dos trechos selecionados na fonte de informação. As partes destacadas nesta etapa se referem a uma ou mais possíveis variáveis que constituem os comportamentos básicos constituintes da classe geral de comportamentos denominada “ser antirracista”: (1) classe de estímulos antecedentes; (2) classe de respostas; (3) classe de estímulos consequentes. Esses possíveis componentes foram registrados em um mesmo protocolo de observação quando constituírem uma mesma unidade comportamental, ou seja, quando os possíveis componentes identificados se referirem a um comportamento.

Etapa 4: Avaliar a nomenclatura utilizada para referir-se a possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “antirracismo” identificados, selecionados e registrados, da obra utilizada como fonte de informação e, quando necessário, propor nomes apropriados: Como a nomenclatura da fonte de informação de onde será identificada a maioria dos possíveis componentes de comportamentos não é específica da Análise do Comportamento, nem sempre os possíveis componentes identificados estarão expressos da maneira mais adequada para descrever e caracterizar componentes de um comportamento. Desse modo, a nomenclatura utilizada para apresentar possíveis componentes identificados de trechos selecionados e registrados da obra utilizada, foram avaliadas. Nos casos em que a nomenclatura apresentada na fonte de informação não é a mais apropriada, uma nomenclatura mais apropriada foi proposta.

No caso das classes de respostas, por serem atividades de um organismo, o modo mais apropriado para expressá-las é por meio de verbos. As classes de situações antecedentes são melhor expressas por substantivos, ao serem relativas aos aspectos com que o antirracismo se relaciona. A mesma forma de expressão, por substantivos, é a maneira mais adequada de expressar as classes de situações consequentes, ou seja, o que decorre do comportamento de antirracismo.

Além disso, os critérios utilizados para avaliar a nomenclatura usada para nomear possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “ser antirracista” foram: clareza, precisão e concisão dos nomes utilizados. A nomenclatura utilizada para descrever os possíveis componentes foi considerada clara quando o nome utilizado para se referir a comportamentos apresenta informações completas e organizadas acerca de um fenômeno, de modo a impossibilitar ou, pelo menos, diminuir a probabilidade de dúvidas acerca do fenômeno ao qual faz referência o nome utilizado. Já a nomenclatura utilizada para descrever os possíveis componentes foi considerada precisa quando o nome impossibilita ou, pelo menos, diminui a probabilidade de interpretações diversas ao evento ao qual esse nome se refere. Além disso, a nomenclatura utilizada para descrever os possíveis componentes foi considerada concisa quando a nomenclatura utilizada foi sucinta.

As novas expressões propostas foram registradas, no protocolo de observação, numa coluna separada das expressões originais que constam nas obras. Esse procedimento foi adotado para indicar que, essas expressões serão propostas pelo autor da pesquisa, com nomes mais apropriados, e não mais com nomes semelhantes aos usados pelos autores da obra utilizada como fonte de informação. Esta etapa possibilitou (por meio da comparação entre a versão original e a versão modificada) verificar se há coerência entre os nomes de possíveis componentes identificados nas obras utilizadas como fonte de informação com os novos nomes propostos pelo autor da pesquisa (quando necessário) a possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “ser antirracista”. Essa conferência foi realizada por meio de um processo de comparação entre os nomes apresentados nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação com os nomes usados, pelo autor da pesquisa, para nomear componentes de comportamentos. Por fim, as novas nomenclaturas propostas para possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral denominada “antirracismo” foram avaliadas pelo professor orientador, que identificou as nomenclaturas mais apropriadas a possíveis componentes de comportamentos da classe geral do fenômeno em estudo.

Etapa 5: Derivar e registrar possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “ser antirracista”, a partir de possíveis componentes identificados e registrados das partes destacadas dos trechos identificados, selecionados e registrados, da obra utilizada como fonte de informação: após avaliar a nomenclatura utilizada para possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral “ser antirracista”, a etapa seguinte foi derivar e registrar, com base nessas classes de componentes identificadas e registradas, outros possíveis componentes de comportamentos dessa classe geral de comportamentos. As partes destacadas dos trechos selecionados apresentam mais informações de possíveis componentes de comportamentos, do que aquilo que está literalmente expresso nos trechos. No entanto, os possíveis componentes identificados foram registrados nos protocolos de observação em negrito e os possíveis componentes derivados foram registrados em itálico. Esse procedimento foi utilizado para facilitar a distinção entre os possíveis componentes identificados e os que foram derivados.

Etapa 6: Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes dos comportamentos que constituem antirracismo, identificadas, derivadas ou propostas a partir dos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação: em geral, as obras selecionadas como fontes de informação apresentam poucos nomes de comportamentos. É mais comum encontrar os componentes desses comportamentos. Portanto, como nem sempre os três componentes (classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes) estão expressos, havendo apenas referência a um ou dois possíveis componentes, outros possíveis componentes foram derivados por meio daqueles possíveis componentes identificados nas obras.

Nesta sexta etapa, foram nomeados comportamentos por meio de uma proposta de expressão constituída por um verbo e um complemento que indique o tipo de relação que um indivíduo precisa apresentar com o meio. Os diferentes resultados das cinco primeiras etapas desse procedimento possibilitaram que, nesta sexta etapa, fossem propostos nomes a comportamentos com base nos possíveis componentes identificados nas fontes de informação ou derivados da fonte de informação. Os trechos, ao serem fragmentados, foram registrados em protocolos diferentes, de modo que componentes comuns a ambos os comportamentos foram repetidos e componentes distintos foram incluídos nos protocolos respectivos aos comportamentos a que fazem referência.

Etapa 7: Organizar em ordem de encadeamento os comportamentos que constituem “ser antirracista” identificados em cada parte ou derivados dessas partes, destacadas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação: Nesta etapa, os comportamentos nomeados pelas relações entre os possíveis componentes de comportamentos (classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes) foram analisados com base nas suas classes antecedentes. O critério utilizado para organizar esses comportamentos consistiu em apresentá-los em classes de comportamentos em ordem sequencial de ocorrência dessas classes, ou seja, consistiu em organizá-los em classes de comportamentos antecedentes ao processo comportamental de antirracismo, em classes de comportamentos constituintes do processo de “ser antirracista” propriamente dito e em classes de comportamentos decorrentes do processo de “ser antirracista” que seriam condição para outras respostas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Por meio das sete etapas de decomposição, os comportamentos identificados ou derivados constituintes da classe geral “ser antirracista” foram agrupados em classes. No Quadro 1 estão apresentados os nomes das classes de comportamentos. Após apresentar o método utilizado para coletar e tratar os dados, foi necessário examinar esse conjunto de dados coletados e tratados, assim como examinar o procedimento construído para organizar esses comportamentos constituintes da classe geral de comportamentos denominada “ser antirracista”.

4.1 COMPORTAMENTOS DA CLASSE GERAL “SER ANTIRRACISTA”

Foram identificados onze comportamentos da classe geral, “ser antirracista”. São eles: discriminar o verbete “raça” em relação à condição social com o conceito de “raça” da biologia; educar-se sobre a temática racial e o racismo estrutural de forma autônoma; consumir conteúdos diversos sobre a temática racial no Brasil; promover a busca de conhecimento sobre a temática racial no Brasil; verbalizar a importância da discussão sobre a temática racial no Brasil; propor debates sobre a temática racial e racismo estrutural no Brasil entre pessoas brancas; discutir de forma embasada sobre a temática racial no Brasil; informar-se sobre a temática racial no Brasil a partir de pessoas negras; evidenciar qualquer tipo de prática de racismo; expor as razões de práticas denunciadas serem racistas e prestigiar o conteúdo produzido por pessoas negras sobre assuntos diversos (Quadro 1).

Quadro 1 - Características Comportamentos da Classe Geral “Ser Antirracista”.

Nome e número do Comportamento	Antecedentes	Resposta	Consequentes
<p>Nº 1.</p> <p>Discriminar o verbete “raça” em relação à condição social com o conceito de “raça” da biologia.</p>	<p>Ambiente no qual se esteja discutindo sobre racismo ou assuntos relacionados a racismo e raça;</p> <p>Conhecimento sobre raça no âmbito biológico;</p> <p>Conhecimento sobre o conceito de raça na sociologia.</p>	<p>Diferenciar o termo raça do âmbito biológico do usado na sociologia.</p>	<p>Aumento da probabilidade discutir o assunto;</p> <p>Aumento da probabilidade de discriminar as contingências culturais em vigor para as pessoas que possuem características fenotípicas comuns;</p> <p>Aumento da probabilidade de discriminar comportamentos racistas;</p> <p>Maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>

<p>N° 2 Educar-se sobre a temática racial e o racismo estrutural de forma autônoma.</p>	<p>Disponibilidade de produção que discute a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>	<p>Buscar informações sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>	<p>Maior probabilidade de discutir assuntos relacionados sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil;</p> <p>Maior probabilidade de discriminar contingências relacionadas à temática racial no Brasil;</p> <p>Maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>
<p>N° 2.1 Buscar informações sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>	<p>Disponibilidade de produção que discute a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>	<p>Consumir conteúdo (livros, podcast, vídeos, palestras) sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Maior probabilidade de discutir assuntos relacionados sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil;</p> <p>Maior probabilidade de discriminar contingências relacionadas à temática racial no Brasil;</p> <p>Maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>
<p>N° 3 Promover a busca de conhecimento sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil com base em conteúdos que retratam essas temáticas;</p> <p>Ambiente propício para discussão sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Incentivar a busca de conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil entre amigos, colegas e familiares.</p>	<p>Pessoas com mais conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil;</p> <p>Maior probabilidade de discussão sobre a temática racial no Brasil.</p>
<p>N° 3.1 Verbalizar a importância da discussão sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil com base em conteúdos que retratam essas temáticas;</p> <p>Ambiente propício para discussão sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Falar sobre a importância da discussão sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Pessoas com mais conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil;</p> <p>Maior probabilidade de discussão sobre a temática racial no Brasil.</p>

<p>N° 4 Propor debates sobre a temática racial e racismo estrutural no Brasil entre pessoas brancas.</p>	<p>Conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil com base em conteúdos que retratam essas temáticas;</p> <p>Ambiente propício para discussão sobre a temática racial no Brasil;</p> <p>Presença de pessoas brancas.</p>	<p>Discutir a temática racial e o racismo estrutural no Brasil entre pessoas brancas.</p>	<p>Maior probabilidade de discutir assuntos relacionados sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil;</p> <p>Maior probabilidade de discriminar contingências relacionadas à temática racial no Brasil;</p> <p>Menor probabilidade de praticar racismo;</p> <p>Maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil com base em conteúdos que retratam essas temáticas.</p>
<p>N° 4.1 Discutir de forma embasada sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Conhecimento embasado sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil com base em conteúdos que retratam essas temáticas;</p> <p>Ambiente propício para discussão sobre a temática racial no Brasil;</p> <p>Presença de pessoas brancas.</p>	<p>Argumentar de forma embasada sobre a temática racial no Brasil.</p>	<p>Maior probabilidade de discutir assuntos relacionados sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil;</p> <p>Maior probabilidade de discriminar contingências relacionadas à temática racial no Brasil;</p> <p>Menor probabilidade de praticar racismo.</p>
<p>N° 5 Informar-se sobre a temática racial no Brasil por meio de pessoas negras.</p>	<p>Pessoa(s) negra(s) falando sobre a temática racial no Brasil por meio do seu repertório de vida;</p> <p>Conteúdo sobre a temática racial e o racismo no Brasil produzida por pessoas negras.</p>	<p>Ouvir pessoas negras falando sobre a temática racial no Brasil mediante seu repertório de vida.</p>	<p>Maior probabilidade de discutir assuntos relacionados sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil;</p> <p>Maior probabilidade de discriminar contingências relacionadas à temática racial no Brasil;</p> <p>Menor probabilidade de praticar racismo;</p> <p>Maior probabilidade de pessoas negras serem compreendidas quando relatam experiências sobre a temática racial no Brasil e o racismo estrutural;</p> <p>Maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil com base em conteúdos que retratam essas temáticas.</p>

<p>N° 6 Evidenciar qualquer tipo de prática de racismo.</p>	<p>Ambiente no qual esteja ocorrendo a prática de discriminação racial;</p> <p>Conhecimento de características da prática que reproduz racismo;</p> <p>Ter conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>	<p>Realizar denúncia de prática de racismo.</p>	<p>Prática de racismo denunciada;</p> <p>Diminuição do fenômeno social denominado “racismo”.</p>
<p>N° 6.1 Expor as razões de práticas denunciadas serem racistas.</p>	<p>Ambiente no qual esteja ocorrendo a prática de discriminação racial;</p> <p>Conhecimento de características da prática que reproduz racismo;</p> <p>Conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.</p>	<p>Verbalizar as razões pelas quais a prática denunciada reproduz racismo.</p>	<p>Maior probabilidade de outras pessoas discriminarem contingências relacionadas à prática do racismo;</p> <p>Diminuição do fenômeno social denominado “racismo”.</p>
<p>N° 7 Prestigiar o conteúdo produzido por pessoas negras sobre assuntos diversos.</p>	<p>Histórias de vida de pessoas negras na sua multideterminação ontogenética e cultural.</p>	<p>Consumir conteúdo de pessoas negras sobre diversos assuntos.</p>	<p>Maior número de pessoas negras gerando conteúdo sobre diversos assuntos;</p> <p>Maior equilíbrio entre comunicadores brancos e não brancos.</p>

Fonte: derivação a partir da coleta no site sejaantirracista.

Importante salientar que as nomenclaturas aqui expostas já estão modificadas para referir-se a possíveis componentes de comportamentos constituintes da classe geral, “ser antirracista”. Quando necessário, será exposta à nomenclatura original encontrada na fonte de informação, visando à melhor compreensão do leitor em relação ao que está sendo explanado, como no comportamento n°1, no qual o comportamento é descrito como “[não] dizer que só existe raça humana”. Ou seja, é descrito como algo que o sujeito não deve fazer para assumir uma postura antirracista. Porém, como o método de aprendizagem da análise do comportamento se baseia na adição de repertórios de comportamento do aprendiz, foi avaliado que o mais apropriado seria que o sujeito aprendesse a discriminar o conceito de raça proveniente da Biologia, daquele pertencente à Sociologia.

A aprendizagem do comportamento “diferenciar o termo raça do âmbito biológico do usado na Sociologia” (n.º1), é importante nesse processo justamente pelo termo ser adjacente na discussão dessa temática. O termo “raça” foi usado pela

ciência do século XVIII, como uma forma de justificar a desigualdade e classificar a humanidade em quatro raças: europeus, orientais, japoneses e africanos. Essa classificação era hierárquica e rotulava uma população inteira com características fisiológicas e psicológicas imutáveis. Com o progresso da ciência biológica, no século XX, chega-se à conclusão de que o conceito de “raça” não é uma realidade científica, mas apenas um conceito inoperante para explicar a diversidade humana, e que a humanidade em geral faz parte de apenas uma raça: *Homo sapiens sapiens*. Porém, o conceito de raça ganha notoriedade nas ciências sociais para descrever diferenças econômicas, políticas e sociais que atingem as populações que se identificavam com a raça negra em relação às não negras (Munanga, 2003; Laguardia, 2004; Silva; Soares, 2011; Schucman, 2012; Monagreda, 2017).

Essa breve contextualização permite compreender os motivos pelos quais se faz necessário diferenciar o termo raça na compreensão biológica da sociológica. Quando um indivíduo argumenta que todos são pertencentes a uma raça e que logo não existe racismo, acontece a diminuição da probabilidade de discutir o assunto. Tal argumento leva ainda à diminuição da probabilidade de discriminar comportamentos racistas, tendo em vista que para o sujeito esse fenômeno não existe. Portanto, é necessário o conhecimento do conceito (raça) em relação à sua história, para que assim o indivíduo possa emitir o comportamento adequado para assumir uma postura antirracista.

O segundo comportamento elencado foi o de “buscar informações sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil” (n.º 2). Esse é o comportamento mais importante e significativo em comparação aos demais. Nele é que se tem como componente consequente o “maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil”, o qual é componente antecedente para os outros sete dos onze comportamentos. Podemos inferir que se informar e obter conhecimento sobre a temática racial de forma autônoma é um dos comportamentos a que se deve dar mais atenção, ao permitir que o indivíduo aplique efetivamente o antirracismo. É nessa etapa que o aprendiz tem acesso a conceitos, como: privilégio branco (Ribeiro, 2019); lugar de fala e de escuta (Ribeiro, 2017); preconceito, discriminação racial e racismo estrutural (Almeida, 2019); escravização (Gomes, 2019); entre outros. Tais conceitos possibilitam maior conhecimento e maior probabilidade de discutir assuntos relacionados à temática racial, assim como quanto ao racismo estrutural no Brasil, ampliando o conhecimento sobre a temática.

Seguindo a etapa cinco do método, foi adicionada uma unidade comportamental ao tópico anterior (n.º 2), o de “buscar informações sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil” (n.º 2.1). Este foi adicionado para facilitar o entendimento da aplicação do ensino desse comportamento, uma vez que expõe quais ações devem ser tomadas para obter os mesmos consequentes: maior probabilidade de discutir assuntos relacionados sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil; maior probabilidade de discriminar contingências relacionadas à temática racial no Brasil e, o mais importante como já mencionado, maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.

Incentivar a busca de conteúdo sobre a temática racial no Brasil (comportamento n.º 3), é um ponto significativo na luta antirracista. Nos comportamentos anteriores (n.º 2; 2.1) fica evidente a necessidade de ter conhecimento sobre a temática racial para poder pôr em prática, atitudes antirracistas, incentivar esse conhecimento faz com que outras pessoas tenham contato com a temática e, assim, que mais pessoas se engajem nesse processo. Nesse comportamento, também foi adicionada uma unidade comportamental, a de “falar

sobre a importância da discussão acerca da temática racial no Brasil”. Como já apontado, as unidades comportamentais que se referir a outro comportamento são adicionadas para a facilitação da aprendizagem do comportamento, logo, o “falar sobre a importância da discussão sobre a temática racial no Brasil” (n.º 3.1) é um comportamento auxiliar na emissão de “incentivar a busca de conteúdos sobre a temática racial no Brasil” (n.º 3).

O comportamento de “discutir sobre a temática racial no Brasil entre pessoas brancas” (n.º 4), possibilita que o assunto se amplie e que mais pessoas se conscientizem sobre o racismo estrutural no Brasil (Ribeiro, 2019). Apesar de o racismo permeiar todos os ambientes por ser estrutural, são os indivíduos que operam por meio dele, atuando de forma preconceituosa e discriminatória (Almeida, 2019). Isso transcorre pela formação da cultura no país, é no ambiente cultural que ocorre a transmissão das práticas eficientes e reforçadoras (para quem?) de geração a geração (Carrara *et al.*, 2013). Segundo Moreira (2013, p. 58), esse “reforço pode ser direto (por meio do comportamento daquele(s) para o(s) qual(is) a prática é transmitida) ou indireto (pelas agências governamentais, educacionais, religiosas, etc. ou de outras formas de reforço social dos comportamentos envolvidos na transmissão da prática)”. Nesse sentido, a literatura relacionada a questões raciais expõe que a prática de discriminação racial e o racismo estrutural no Brasil, são mantidas justamente para conservar a branquitude como algo universal e normal e, assim, manter a relação de privilégios materiais e simbólicos garantidos para a população branca (Schucman, 2012; Almeida; 2019; Ribeiro, 2019).

Levantar discussões sobre a temática racial no Brasil, em todos os ambientes e com a maior variedade de público, mas é especialmente entre pessoas brancas que se deve propor debates, tendo em vista que pouco se discute sobre a temática racial; por isso, desconhecem práticas racistas mais sutis, acabando por repercuti-las (Ribeiro, 2019). As discussões sobre a temática racial entre a população negra já são avançadas, porém, a desigualdade em lugares de privilégios faz com que essas discussões não alcancem as rodas de pessoas brancas. Em vista disso, foi adicionado um comportamento relacionado às discussões: “argumentar de forma embasada sobre a temática racial no Brasil” (n.º 4.1), que está, mais uma vez, estreitamente relacionado ao comportamento de “buscar informações sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil” (n.º 2), o qual tem como consequência um maior conhecimento sobre a temática racial no Brasil.

Como descrito anteriormente, o debate sobre a temática racial entre a população negra já é avançado, isso acontece justamente por essas serem as vítimas do racismo no Brasil. Ouvir pessoas negras falando sobre esse assunto (comportamento n.º 5), é imprescindível, ao serem elas que enfrentam cotidianamente esse fenômeno. Dar o protagonismo de fala sobre a temática racial às pessoas negras faz com que o ouvinte consiga discriminar melhor comportamentos racistas, e que o falante se sinta ouvido e acolhido em relação à sua demanda. Não minimizar ou desqualificar o relato de indivíduos negros faz com que mais pessoas tenham coragem de denunciar práticas racistas ao seu redor, diminuindo assim as possibilidades da manutenção do racismo (Ribeiro, 2019).

Denunciar práticas racistas (comportamento n.º 6) é um dos pontos mais significativos na luta antirracista. Um indivíduo que tem conhecimentos sobre a temática racial no Brasil poderá perceber comportamentos racistas tanto nele mesmo, como em outras pessoas. Denunciar esses comportamentos (n.º 6) e expor os motivos de tal prática ser racista (n.º 6.1), além de ter como consequência a prática denunciada e uma diminuição do fenômeno social chamado racismo, aumenta a probabilidade de

que outras pessoas discriminem contingências relacionadas à prática do racismo. Isso faz com que mais pessoas fiquem atentas a comportamentos racistas nelas mesmas e em outras pessoas.

A população negra no Brasil representa 55% dos indivíduos, mas esse número não é representativo quando se fala em influenciadores, músicos, atores, escritores, intelectuais, entre outras ocupações artísticas expostas nas mídias. Isso acontece pela falta de incentivo ao consumo de conteúdos de pessoas negras, fazendo com que os seus conteúdos sejam limitados à sua própria população. O último comportamento selecionado diz respeito a essa demanda, “prestigiar o conteúdo produzido por pessoas negras sobre assuntos diversos” (n.º 7), a emissão deste poderia apresentar como consequências mais pessoas negras gerando conteúdo sobre diversos assuntos, além de maior equilíbrio entre comunicadores brancos e não brancos nas mídias brasileiras. Dessa forma, estamos promovendo uma democracia cultural e possibilitando que mais pessoas negras tenham acesso ao grande público.

4.2 CLASSES DE ESTÍMULOS ANTECEDENTES

De acordo com Borges e Cassas (2012), a resposta ocorre num contexto composto por estímulos ambientais antecedentes. Os estímulos devem adquirir a função reforçadora em razão da história de vida do indivíduo. Além disso, buscar quais os estímulos antecedentes na emissão de comportamentos “antirracistas” é pesquisar quais os eventos antecedentes são discriminativos (como exposto) ou condições (como instrumentos, conhecimentos) que, sem os quais, não é possível apresentar a resposta. Como já evidenciado pelos dados expostos nesta análise, o Brasil é marcado pelo racismo estrutural, uma das maiores causas da desigualdade social. Colocar em prática os comportamentos antirracistas têm como consequência indireta a diminuição do fenômeno denominado “racismo”. A questão é: a diminuição da desigualdade social no Brasil não é reforçadora para grande parte da população brasileira?

Essa análise dos conteúdos das classes de comportamento permite observar que o antecedente mais comum entre os comportamentos é o de “conhecimento sobre a temática racial e o racismo no Brasil”. Podemos afirmar então, que num programa de ensino que visa instruir pessoas ao combate ao racismo, é imprescindível que sejam inicialmente ensinados os comportamentos que produzam como consequência um “maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo no Brasil”, para assim garantir que o aprendiz tenha esse conhecimento como antecedente e consiga emitir outros comportamentos denominados “antirracistas”.

O segundo antecedente que aparece em mais de um dos comportamentos selecionados é o de “ambiente onde se esteja discutindo sobre racismo ou assuntos relacionados a racismo e raça”. Dado que o Brasil é racista, conforme os dados do IBGE (2019), e o racismo é um fenômeno estrutural, estando presente em todos os lugares, muitos assuntos poderiam funcionar como ambiente propício para a emissão de comportamentos que busquem a discussão sobre a temática racial e o racismo no Brasil.

Considerando que “propor debates sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil entre pessoas brancas” (comportamento n.º 4), é um dos comportamentos selecionados, o estímulo antecedente passa a ser resposta do indivíduo que tenciona pôr em prática o antirracismo. Nesse sentido, os indivíduos que buscam ter uma postura antirracista podem adicionar o elemento racial nas suas discussões, não sendo necessário esperar ocorrer um ambiente em que já se esteja

discutindo sobre a temática racial para introduzir o assunto, sendo o indivíduo o introdutor, de forma voluntária.

Outros antecedentes que aparecem com frequência são: disponibilidade de produção que discute a temática racial e o racismo estrutural no Brasil, e pessoa(s) negra(s) falando sobre a temática racial no Brasil, baseado no seu repertório de vida. Devido a importantes estudos que relacionam com a desigualdade e questões raciais no Brasil (IBGE, 2019), atualmente existe grande variedade de produção sobre temáticas raciais e o racismo no país. Esses conteúdos estão disponíveis em diversas categorias, como artigos acadêmicos, livros, *podcasts* e documentários. Importante salientar que grande parte desse conhecimento é produzida pela população negra, antecedente importante para a melhor compreensão sobre a temática.

De acordo com essa análise, pode-se aferir que: para emitir comportamentos denominados “antirracistas”, não são necessárias classes de antecedentes discriminativos, ou seja, o sujeito não necessita de ambientes específicos para levantar discussões sobre questões raciais. Porém, o que se tem constatado na sociedade, mesmo com a temática do antirracismo em pauta, é um aumento de crimes e práticas relacionadas ao racismo. Isso pode ocorrer por diversos motivos, como o desconhecimento do racismo estrutural e de práticas racistas, resultado da falta de reflexão, conhecimentos e incentivos de busca sobre o assunto.

Segundo Skinner (2003), é o ambiente que seleciona os comportamentos emitidos pelos indivíduos, essas relações comportamentais podem ser afetadas por duas variáveis principais: reforço, sendo condições que aumentam a probabilidade de um comportamento ocorrer no futuro, bem como por punição, os quais são condições aversivas para o organismo, e é geralmente apresentada para diminuir a probabilidade de um comportamento ocorrer no futuro (Skinner, 2003). Considerando essas relações, podemos verificar que a emissão de comportamentos antirracista não é devidamente reforçada socialmente, isso pode ocorrer pelo interesse em manter o *status quo*, em virtude de uma ideia errônea de perda de privilégios (materiais e simbólicos), destinados a uma classe específica da sociedade.

4.3 ORGANIZAÇÃO ENCADEADA PARA PROGRAMA DE ENSINO

Os trechos selecionados da fonte de informação utilizada neste trabalho já estavam ordenados segundo a organização responsável, porém, seguindo a etapa sete do método, para aplicação de um programa de ensino de comportamentos antirracistas, recomenda-se a ordem apresentada no Quadro 2. Essa organização ocorre pela análise das consequências dos comportamentos relacionados aos antecedentes dos comportamentos seguintes. Por exemplo, para emitir o comportamento de “incentivar a busca de conhecimentos sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil entre amigos, colegas e familiares” é necessário que o aprendiz tenha como classes de estímulos antecedentes “conhecimentos sobre a temática racial e o racismo no Brasil”, consequências de vários outros comportamentos (comportamentos nº 1; 2; 2.1; 4; 4.1; 5). Nesse sentido, a ordem de aplicação deve privilegiar os comportamentos que tenham como consequência um “maior conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil”, para o aprendiz conseguir pôr em prática todos os outros comportamentos denominados “antirracistas”.

Quadro 2 - Ordem de ensino das classes de comportamento componentes da classe de comportamento “Ser Antirracista”.

Ordem	Comportamentos
1°	Diferenciar o termo raça do âmbito biológico do usado na sociologia.
2°	Buscar informações sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil.
3°	Consumir conteúdo (livros, podcast, vídeos, palestras) sobre a temática racial no Brasil.
4°	Discutir a temática racial e o racismo estrutural no Brasil entre pessoas brancas.
5°	Argumentar de forma embasada sobre a temática racial no Brasil.
6°	Ouvir pessoas negras falando sobre a temática racial no Brasil com base no seu repertório de vida.
7°	Realizar denúncia de prática de racismo.
8°	Verbalizar as razões pelas quais a prática denunciada reproduz racismo.
9°	Consumir conteúdo de pessoas negras sobre diversos assuntos.
10°	Incentivar a busca de conhecimento sobre a temática racial e o racismo estrutural no Brasil entre amigos, colegas e familiares.
11°	Falar sobre a importância da discussão sobre a temática Racial no Brasil.

Fonte: os autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo no Brasil é um fenômeno real, comprovado mediante os levantamentos realizados pelo IBGE (2019), evidenciando a desigualdade social no país, intrinsecamente relacionado às questões raciais. Tendo em vista que o racismo existe, que permeia todos os lugares, que a sua consequência é a opressão e a injustiça, assumir uma postura antirracista é de extrema relevância social, ao ser por meio dessa postura que se cria a possibilidade de desenvolver uma sociedade igualitária.

Foi caracterizado cada componente dos comportamentos denominados “antirracistas” disponibilizado pelo manifesto. Possibilitou-se, assim, a compreensão desses componentes por meio da tríplice contingência, permitindo verificar as relações entre os comportamentos e elucidar as classes de estímulos antecedentes, ou seja, o ambiente propício para a emissão de comportamentos denominados “antirracistas”. Com base nessa análise, pôde-se constatar, que existe uma relação entre os comportamentos elencados pelo manifesto, porém, foi sugerida uma ordenação diferente da disponibilizada, tendo em vista uma melhor aplicabilidade num ensino programado. Também foi possível decompor alguns comportamentos que não estavam no manifesto e propor classes inéditas importantes para a emissão dos comportamentos básicos pesquisados. Verificou-se também que o componente mais

comum entre os comportamentos básicos é o “conhecimento sobre a temática racial e o racismo no Brasil”, evidenciando a importância da produção e consumo de conteúdos que tratem sobre o tema, principalmente entre a população não negra que pouco discute o assunto. Foi possível constatar ainda, que não são necessários estímulos discriminativos complexos para a emissão de comportamentos antirracistas, tendo em vista que a temática racial e o racismo no Brasil permeiam muitas discussões da atualidade.

Tendo em vista que o presente trabalho teve o objetivo de caracterizar os comportamentos que estão na rede, logo de fácil acesso ao grande público, sugere-se elaborar estudos adicionais que busquem delimitar, de forma mais específica, comportamentos denominados “antirracistas”. Devido à notoriedade midiática dada aos problemas sociais causados pelo racismo, intelectuais acadêmicos de todas as áreas de conhecimento estão definindo mais e mais comportamentos antirracistas, apurando a compreensão sobre o fenômeno “racismo” e características de comportamentos que busquem o seu combate. Dessa forma, podemos aperfeiçoar os componentes desses comportamentos e levá-los à população. Sugere-se também a aplicação de um ensino programado dos comportamentos elencados nesse trabalho para formar indivíduos que põem em prática esses comportamentos para, então, assumir uma postura antirracista e averiguar se as características e a organização proposta neste trabalho são funcionais em relação aos seus objetivos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos**.

Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Feminismos Plurais. Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ARAÚJO, E. M. de; XAVIER, K. A. da S.; SOUZA, L. B. de; VICHI, C. Racismo Internalizado: Uma Perspectiva Analítico-Comportamental. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 342–353, 2022. DOI: 10.18761/DH000166.set. 21. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/855>. Acesso em: 5 jun. 2024.

BORGES, Nicodemos Batista; CASSAS, Fernando Albregard. **Clínica analítico-comportamental**: aspectos teóricos e práticos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

CARRARA, K., SOUZA, V. B., OLIVEIRA, D. R., ORTI, N. P., LOURENCETTI, L., & LOPES, F. R. Desenvolvimento de guia e fluxograma como suporte para delineamentos culturais. **Acta Comportamentalia**, 21(1), 99-119, 2013.

DE LUCA, G. G. **Características de componentes de comportamentos básicos constituintes da classe geral de comportamentos denominada "avaliar a confiabilidade de informações"**. 707f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Curso de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

FREYRE, G. (1933) **Casa-grande & senzala**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006, ISBN 978-85-260-0869-4.

GARCIA, M. P. **Classes de Comportamentos Constituintes de Intervenções de Psicólogos no Subcampo de Atuação Profissional de Psicoterapia com Apoio de Cães**. 375 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Curso de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis–SC, 2009.

GOECKS, C. L. **Comportamentos Constituintes Da Classe Geral De Comportamentos “Ler Textos Acadêmicos”** 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Curso de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis–SC., 2011.

GOMES, L. **Escravidão: Do Primeiro Leilão de Cativos em Portugal até a Morte de Zumbi dos Palmares**. vol. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Novos Estudos, n.º 43, 1995.

GUIMARÃES, A. S. A. **Raça e os estudos de relações raciais no Brasil**. São Paulo, Novos Estudos, CEBRAP, 54, 147-156, 1999.

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito Racial: Modos, Temas e Tempos**. São Paulo, Editora Cortez, 2008.

GUIMARÃES, A. S. A. **Raça, Cor, Cor da Pele e Etnia**. Caderno de Campo, São Paulo, n.º 20, p. 1-360, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019. Estudos e Pesquisas. **Informação Demográfica e Socioeconômica**. n.º 41. Rio de Janeiro, 2019.

LAGUARDIA, J. O Uso da Variável “Raça” na Pesquisa em Saúde. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14 (2): 197-234, 2004.

LUIZ, E. C. **Classes de comportamentos componentes da classe geral “projetar a vida profissional”, organizadas em um sistema comportamental**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis–SC, 2008.

MANIFESTO ANTIRRACISTA. **Seja Antirracista**. 2020. Site-manifesto para compromisso da sociedade com o fim do racismo Disponível em: <https://sejaantirracista.org/> acesso em: 28 de nov. de 2020.

MONAGREDA, J. K. A Raça na Construção de uma Identidade Política: Alguns Conceitos Preliminares. *Rev. Mediações*, Londrina, V. 21, N. 2, p. 366-393, jul/dez. 2017.

MOREIRA, M. B. **Comportamento e Práticas Culturais**. Brasília: Instituto Walden4. 2013.

MUNANGA, K. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 05/11/2003.

OLIVEIRA, V. F. Nina Rodrigues, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: Três Perspectivas Distintas Sobre a Miscigenação. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v.6, n.1, p.85-91, jan./jun. 2017.

ORLANDI, P. H. A.; REIS, T. de S. Racismo religioso na escola: projeto de delineamento cultural para seu enfrentamento. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 233–246, 2022. DOI: 10.18761/DH0012.jul21. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/849>. Acesso em: 6 jun. 2024.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHUCMAN, L.V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2012.

SILVA, M. A. L.; SOARES, R. L. S. **Reflexões sobre os Conceitos de Raça e Etnia**. Caderno Temático: Educação e Africanidades, N. 4, p. 99-115, Ano 2 (novembro/2011) issn 2179.8443.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.